

OS ANOS REBELDES DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

*Daniel Augusto Schmidt*¹

Felizmente, redescobrimos hoje que o Cristianismo não pode estar fora do mundo (...) sua missão está no mundo (...) para iluminá-lo².

RESUMO

Num período bastante curto na história brasileira o discurso político evangélico foi marcado por uma preocupação com a realidade nacional. Este discurso iniciou-se em meados dos anos cinquenta e terminou de forma trágica nos períodos mais duros do Regime Militar. A atividade política de Guaracy Silveira e de Heleny Guariba indica que a relação dos protestantes com a política havia mudado de tom nos anos sessenta, uma mudança que veio permeada de todas as características de seu contexto histórico.

PALAVRAS-CHAVE

Protestantismo, política, sociedade brasileira.

ABSTRACT

In a short time in the Brazilian history the evangelical political discourse focused national reality. This kind of discourse started in

¹ Daniel Augusto Schmidt é doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

² GUARIBA, Heleny. O falso “milagre”. **Cruz de Malta**. São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1962, pp. 31-33.

the Fifth's (XX Century) and ended in the hard times of the Military Government (1964-1985). Political activities of both Guaracy Silveira and Heleny Guariba point out the changes the relationship between Protestant People and Politics suffered in the Sixth's, and it also indicates that these changes were mixed with all the characteristics of that period.

KEY-WORDS

Protestantism, Politics, Brazilian Society.

Quando passamos por um processo eleitoral, mais uma vez as telas da propaganda são invadidas por um personagem já bastante presente na política nacional desde o fim do Regime Militar: o “político evangélico.” Este é um elemento bem peculiar. Tem um discurso pobre, muitas vezes marcado por jargões que a grande massa não-evangélica não compreende e até faz chacota: *Eita Deus! Votar em fulano é um ato profético, o ‘fogo cai’*. Ele é oriundo também de outra triste herança política presente na vida brasileira desde os tempos da República Velha: o curral eleitoral. Só que neste caso o coronel que obriga o povo a votar é o pastor, o bispo ou sua vertente mais moderna: o apóstolo. O candidato em questão pode ser ele próprio ou alguém do seu círculo eclesiástico mais íntimo. A preocupação é muitas vezes a conquista de benesses para sua igreja ou favorecimentos pessoais. Os interesses do país não ocupam espaço algum. Mas será que as coisas foram sempre assim?

Não. Houve um período bastante curto em que os interesses não eram estes. O discurso político evangélico era marcado por uma sonhadora, porém sincera, preocupação com a realidade nacional. Ele se inicia em meados dos anos cinquenta e termina de forma trágica nos períodos mais duros do Regime Militar.

O objetivo deste pequeno texto será, com base em artigos publicados por Heleny Guariba na revista metodista *Cruz de Malta*, analisar as características da atuação política evangélica neste período. Porém, necessário será primeiramente fazer um breve histórico do início da atuação política evangélica no Brasil.

1. O Protestantismo Brasileiro antes dos anos sessenta: entre o desinteresse e o corporativismo

Inicialmente, a participação política dos evangélicos brasileiros era muito pequena. Ela variou do desinteresse no século XIX a uma pequena atuação preocupada em defender os interesses dessa recente minoria frente ao Catolicismo na década de trinta.

Transplantado para o Brasil em meados do século XIX por missões norte-americanas, o Protestantismo teve, a princípio, um forte teor apolítico. A participação política dos crentes era desaconselhada. O protestante fiel deveria seguir a máxima bíblica do “daí a César o que é de César”. As mudanças sociais não viriam através da atuação política da Igreja, mas sim da conversão individual. Cabia ao crente se comportar dentro de uma ética estrita, ou seja, dar aquilo que os evangélicos chamam de testemunho: não jogar, não dançar, não beber ou ter qualquer vício, ter uma vida sexual disciplinada, trabalhar com afinco e dedicação. Através do impacto desta atitude, muitos se converteriam e a sociedade seria modificada.

Além do mais, a política era vinculada ao principal inimigo, o Catolicismo. A participação de sacerdotes católicos na política brasileira era bastante comum. Um exemplo era o regente Padre Feijó (1784-1843). Portanto, não cabia ao crente se imiscuir num meio dominado pelo romanismo. Porém, ao final daquele século, o país se tornou uma república. A Constituição de 1891 garantiu a separação entre a Igreja e o Estado. O Catolicismo deixou de ser a religião oficial. A liberdade de culto, tão cara aos protestantes, foi garantida.

Esta situação perdurou praticamente durante todo o período da chamada República Velha (1889- 1930)³. Porém, durante a Era Vargas, a atuação política protestante sofreria uma pequena alteração. Os “bodes”

³ Para não dizer que a participação evangélica na política daqueles tempos foi nula, Paul Freston cita o exemplo isolado de um fazendeiro e pastor presbiteriano chamado Natanael Cortez que conseguiu eleger-se deputado estadual pelo Ceará no ano de 1929. Cf. FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontro, 1994, p. 20.

agora começaram a se interessar por política. Esta atuação seguia características bem peculiares, próximas da que se faz nos dias atuais. Essa era uma atuação voltada para defesa dos interesses das minorias protestantes. Getúlio Vargas havia tomado o poder e buscava o apoio da Igreja Católica. Esta já vinha desde a década anterior buscando recuperar seu papel perdido em 1891. O plano era fazer com que o Romanismo se tornasse novamente a religião oficial do país. Isso assustava a minoria protestante. O desejo de garantir a liberdade de consciência fez com que os evangélicos brasileiros iniciassem uma pequena participação política na Assembleia Constituinte de 1934⁴.

Essa atuação política ocorria dentro da relativa liberdade democrática existente no Brasil. No ano de 1932 surgiram inovações no cenário eleitoral brasileiro: foi criada a Justiça Eleitoral, o voto passou a ser secreto e foi aberto à participação feminina. Resquícios da República Velha persistiam, porém: a Mesa Eleitoral ainda continuava a inquirir sobre a idoneidade dos eleitores e a impedir que candidatos se elegessem contra a vontade governamental. Mas dentro desta relativa flexibilidade, os protestantes se mobilizavam para fazer valer suas idéias. A participação nas eleições era incentivada. O inimigo católico precisava ser vencido⁵. Em São Paulo foi criado até um Centro de Alistamento de eleitores. Havia coligações para o lançamento de candidaturas protestantes. Todavia, nenhum destes candidatos era apoiado oficialmente pelas igrejas.

Outra característica era a tendência político-ideológica destas candidaturas. Uma análise rápida de documentação de época revela que, apesar de algumas iniciativas em contrário, não havia qualquer preocupação com a mudança da realidade social do Brasil. Os candidatos protestantes optavam por uma tendência conservadora, ou no máximo reformista. Foi neste ambiente que se deu a eleição do primeiro evangélico a ocupar uma função de destaque na política nacional: o pastor metodista Guaracy Silveira (1893-1953) eleito deputado para a Constituinte de 1934.

⁴ **Expositor Cristão**, 22/09/1934, p. 3.

⁵ ESCHER. Nicolau R. S. Couto. “Os crentes e a eleição de 3 de maio”. **Expositor Cristão**, 01/03/1933, p. 6.

1.1. Guaracy Silveira: o primeiro político evangélico

A eleição de Guaracy Silveira pode ser considerada como o exemplo de tudo o que foi dito até aqui. Guaracy nasceu na cidade de Franca (interior de São Paulo), oriundo de uma família bastante tradicional do Vale do Paraíba⁶. A escritora Dinah Silveira de Queiróz (1911-1982), por exemplo, era prima do pastor metodista. Esta era também uma família de forte tradição liberal, o que talvez tenha influenciado nas escolhas políticas do próprio Guaracy Silveira⁷.

O futuro deputado federal teve uma criação católica como os membros das famílias tradicionais. Embora sua família não fosse praticante – aliás, fosse até anticlerical – Guaracy Silveira fez estudos para tornar-se padre entre os Salesianos de Lorena (SP). Converteu-se ao Protestantismo depois de uma série de desentendimentos com a hierarquia católica. Assumiu o pastorado metodista em 1921.

Já pastor, teve uma atuação pública muito forte tanto dentro quanto fora dos círculos eclesiásticos. Teve um papel marcante, por exemplo, no movimento pela autonomia da Igreja Metodista brasileira frente à missão norte-americana em 1930. Foi redator de revistas para a Escola Dominical e do principal informativo da denominação: o *Expositor Cristão*. Exerceu também o pastorado em diversas comunidades. Mas sua atuação não se limitou ao mundo da Igreja.

Guaracy se dedicou também ao jornalismo secular, publicando artigos de defesa do protestantismo. Porém, foi durante a Revolução Constitucionalista de 1932 que sua atuação pública se iniciou de fato. Devido a uma questão envolvendo a entrega de Novos Testamentos aos

⁶ A família se afirmava descendente de João Ramalho (1493-1580) aventureiro português, casado com a filha do cacique Tibiriçá, Bartira. A família do Rev. Guaracy era originária de Resende (RJ). http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Cilas_Ferraz.pdf. Acessado em 3 de janeiro de 2011.

⁷ A família de Guaracy Silveira tinha um histórico de participação política. Seu avô tinha sido chefe do Partido Liberal nos tempos do Império e participou da Revolução de 1842. Seu pai era republicano e vereador na cidade de São Simão (SP). Um de seus primos foi ministro da Casa Civil sob Washington Luís e ministro do Superior Tribunal Militar durante a Era Vargas.

soldados, se aproximou do líder tenentista (e liberal) Isidoro Dias Lopes (1865-1949). Foi então convidado por este para ser capelão militar das tropas.

Sua entrada na política se deu dentro do contexto dos anos trinta, já tratado acima. Em 1932, um grupo de pastores o indicou como candidato a deputado federal:

Em 15 de março de 1932 estava em Santos para dar à Igreja, sob o pastorado do Rev. Dr. Hermógenes de Almeida Prado, dois sermões da Semana Santa. Ao chegar comunicou-me ele que haviam resolvido indicar-me como candidato a deputado federal⁸.

Porém seu caráter liberal se revelou no momento da escolha de sua filiação partidária. Para espanto de alguns – até hoje – Guaracy se filiou ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Para os mais preocupados, ele explicava que aceitou se filiar para procurar barrar a infiltração comunista no partido⁹. Procurava se definir também como um *socialista cristão*:

O maior espanto manifestado pelos sociólogos da imprensa (sic) brasileira foi pelo fato de um ministro do Evangelho ser “socialista” (...) Por este tempo, “socialismo” era sinônimo de “comunismo”. Coube a mim frisar a distinção ou mesmo criá-la... Neste tempo eu ignorava que foi Vinet, crente evangélico quem primeiro que Marx, usou o termo, mas no sentido cristão (...) Desde então, ninguém mais confunde socialismo com comunismo, surgindo a expressão hoje consagrada: socialismo cristão¹⁰.

E foi por este partido que Guaracy Silveira se elegeu deputado na Constituinte de 1934. Grande espaço foi dado no *Expositor Cristão*

⁸ SILVEIRA, Guaracy. **Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1950, p. 8.

⁹ Fundado em 1925, esse partido inicialmente foi marcado por uma grande diversidade ideológica interna, mas logo a ala marxista tomaria o poder no partido.

¹⁰ SILVEIRA, Guaracy. **Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil**, p. 17.

para seus embates com deputados católicos na Constituinte com relação à Questão Religiosa. Aliás, este foi aspecto de sua campanha que os interessou. O restante de suas propostas quase não foi divulgado. O público evangélico ainda tinha reservas quanto à política.

Porém, logo o esquerdismo de Guaracy se revelaria apenas moderado. Ainda em pleno exercício parlamentar, a ala comunista de seu partido se tornou majoritária. Ao se negar a assinar um documento filiando o PSB à segunda Internacional de Zurique, o pastor metodista foi expulso do partido como reacionário. Após o período do Estado Novo, ele retornaria à política: foi eleito deputado mais uma vez em 1946, agora pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Posteriormente, tornou-se presidente do Partido Republicano Trabalhista (PRTB) formado por evangélicos.

Assim se deu o início da atuação política evangélica no Brasil. Mas trinta anos depois, os evangélicos começaram a olhar para a política – e atuar politicamente – de uma forma diferente. E como veremos, esta atuação teve características de seu contexto histórico. O protestantismo entrava nos seus anos rebeldes. E essa rebeldia transparece nos textos de Heleny Guariba para a revista metodista *Cruz de Malta*.

2. Os anos rebeldes do Protestantismo Brasileiro nos anos sessenta

Publicados entre janeiro e outubro de 1962 na revista *Cruz de Malta*, os artigos de Heleny Guariba deixavam claro que a relação dos protestantes com a política havia mudado de tom nos anos sessenta. Esta mudança de tom veio permeada de todas as características de seu contexto histórico.

Para uma melhor compreensão dos textos de Heleny é necessário compreender o ambiente em que este material foi escrito. O Brasil do início dos anos sessenta vivia então o refluxo da maré desenvolvimentista dos “anos dourados” de Juscelino Kubistchek (1956-1960). E conforme este mar que parecia tão claro e límpido se afastava, o que se via no fundo era entulho. A economia até havia crescido, sim. A uma taxa de 8% ao ano. Porém, este crescimento não se revelou sustentável. Boa

parte dele havia sido financiada por capital estrangeiro, o que aumentou ainda mais a dependência econômica do país. A indústria produzia artigos de consumo duráveis, porém seu preço elevado os restringia às classes altas. Ao final do governo JK o Brasil enfrentava greves, carestia e uma inflação alta para os padrões da época: 39%.

As consequências sociais do Desenvolvimentismo também foram enormes. O Plano de Metas de Juscelino pouca atenção deu para a situação vivida no campo. Enquanto os grandes centros se industrializavam, o Brasil rural permanecia o mesmo dos tempos da Colônia: dominado pelo latifúndio. A solução foi a migração em massa para as cidades, o que provocou o inchaço urbano produzindo pobreza e criminalidade.

Toda essa situação acabou despertando a sensibilidade das igrejas católicas e protestantes para a realidade social. O protestantismo brasileiro havia descoberto a dura realidade social do Brasil. E que as velhas explicações piedosas já não davam mais conta de explicá-la. Esta descoberta transparece nas linhas escritas pela jovem Heleny. E ela iria modificar a maneira como certos grupos protestantes se relacionariam com a política, da mesma maneira que na década de trinta, esta atuação política teve características bem peculiares.

Heleny Ferreira Telles Guariba nasceu na cidade paulista de Bebedouro no ano de 1941. Seu nome é hoje mais conhecido nos meios artísticos e políticos do que propriamente no ambiente metodista. Era filha de Isaac Ferreira Caetano, gerente do Banco do Brasil¹¹ e de Pascoalina Ferreira Telles (D. Tita). Uma jovem de classe média paulistana, professora de Escola Dominical na Igreja Metodista Central de São Paulo.

Como ocorria em muitas famílias da classe média brasileira nos anos sessenta, a jovem Heleny teve acesso a uma boa educação. Estudou em colégios públicos frequentados pela *intelligentsia* paulistana. Entre eles estavam o prestigioso Instituto Educacional Caetano de Campos e o Centro Educacional Presidente Roosevelt. Neste último, Heleny

¹¹ SOUZA, Edimilson Evangelista de. **Heleny Guariba: luta e paixão no teatro brasileiro**. 2008. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

conheceu seu futuro marido Ulysses Guariba Neto e teve colegas que se tornariam famosos, como a futura filósofa Marilena Chauí (por sinal, sua amiga) e um dos candidatos no atual pleito pela presidência da República, José Serra. Em 1960, influenciada por um professor, optou pelo curso de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, na época instalada no famoso prédio da Rua Maria Antônia¹². Durante o período em que foram escritos os artigos publicados em *Cruz de Malta* Heleny era, além de estudante, funcionária pública da Junta Comercial de São Paulo. Trabalhava também como professora em um curso pré-vestibular de Economia e Administração, Posteriormente se dedicaria ao teatro, fazendo uma especialização na Europa, tornando-se uma diretora premiada.

A leitura de seus textos para *Cruz de Malta* deixa perceber algumas características da nova postura política adotada por certos núcleos protestantes da época.

A primeira delas é um posicionamento político francamente esquerdista, ao contrário do conservadorismo e do reformismo da década de trinta. Em “O Falso ‘Milagre’”, Heleny Guariba fez uma arguta análise da situação sócio-econômica brasileira. O alvo de seu ataque era a política desenvolvimentista que, a seu ver, não modificou a estrutura social desigual do país. O Brasil havia crescido, porém para poucos. Em determinado ponto do texto, a autora mostrou a sua visão de desenvolvimento: “A verdadeira meta para o desenvolvimento só pode ser a elevação do nível de todos os homens, de todos aqueles que verdadeiramente constroem a nação”¹³.

Porém, como explicar a presença de textos com este teor numa revista como *Cruz de Malta*? Ela é oriunda de todo um conjunto de fatores tanto internos quanto externos que fizeram com que a Esquerda passasse a ser vista como uma solução possível. E que motivaram uma nova atuação política dos protestantes brasileiros.

¹² O prédio da Rua Maria Antônia se tornaria famoso alguns anos depois devido à verdadeira batalha campal ocorrida ali entre os alunos da Filosofia e um grupo de alunos da Universidade Mackenzie. Cf. **Sob as Ordens de Brasília**: 2ª Parte. São Paulo: Abril Cultural, 1986. (Coleção Nosso Século), vol. X, p. 20.

¹³ GUARIBA, Heleny. O falso “milagre”. **Cruz de Malta**, pp. 31-33.

Em Janeiro de 1959, uma ilha caribenha ousou tomar a história em suas mãos e fazer uma revolução socialista a poucos quilômetros da costa dos Estados Unidos: Cuba. Este fato exerceu um grande impacto sobre a mentalidade dos tempos de Heleny Guariba: um país do Caribe (próximo, portanto, do Brasil) havia se libertado de um ditador e rompido com o domínio norte-americano. Tudo isso através de Fidel Castro, e da carismática figura de Ernesto Che Guevara.

O Brasil daqueles tempos também buscava na esquerda a solução para sua situação de dependência. Como já foi visto anteriormente, a resposta desenvolvimentista – criticada por Heleny em um de seus textos – não havia sido capaz de sanar os problemas do país. Esta decepção fez com que muitos setores da sociedade brasileira passassem a ver no Marxismo (recentemente vitorioso em Cuba) uma opção para solucionar as questões que afligiam a nação.

O Marxismo era visto por esta geração como uma grande panacéia contra os males sociais do país. Ele era científico e por isso possuía resposta para tudo: “O marxismo era todo um universo e tinha o atrativo da lógica, a tentação do maniqueísmo e a justa cólera dos revoltados. Tinha a grande solução... Explicava tudo direitinho, tinha teoria para tudo”¹⁴. Era possível até mesmo propor um “Socialismo à Brasileira”, diferenciado do modelo soviético, visto como conservador e de igual forma imperialista:

(...) é, na União Soviética e nos países do Leste degenerou, mas táí a alternativa. Tem a China que está buscando outro caminho com a Revolução Cultural. Tem Cuba e o exemplo do Che. Um modelo falhara, mas havia outros. Em todo caso, para o Brasil o negócio era um socialismo adequado às nossas necessidades¹⁵.

Até o próprio presidente João Goulart (visto por muitos como comunista) buscou o apoio das esquerdas para implementar suas “reformas de base”.

¹⁴ SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2008, p. 80.

¹⁵ SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**, p. 81.

Porém, não foi só do ambiente político interno e externo que este ideário esquerdizante chegou aos ouvidos de Heleny Guariba. Ele veio também de certos setores provavelmente bastante familiares a ela: o meio estudantil e o meio eclesiástico.

A grande organização do meio estudantil brasileiro na época era a UNE (União Nacional dos Estudantes), surgida na década de trinta. Seus líderes tinham força até mesmo para serem recebidos em audiência pelo Presidente da República. Depois de passar por um período de orientação politicamente conservadora, a instituição agora tinha novamente uma liderança progressista. Isso fez com que a UNE passasse a se engajar em todas as questões importantes da realidade nacional. No campo político, o apoio às Reformas de Base. No campo social, as grandes campanhas de alfabetização de adultos¹⁶ e saúde. Mas esta opção pela esquerda também pode ser explicada levando-se em consideração outro ambiente freqüentado pela própria Heleny Guariba. No caso, o da Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia.

Fundada na década de 30 por Armando de Salles Oliveira¹⁷, a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP se localizava no número 294 da Rua Maria Antônia, no bairro paulistano de Vila Buarque. O ambiente ali era de esquerda: “(...) era faculdade de produção brilhante, jóia da esquerda, fornecedora de quadros para o radicalismo da esquerda paulistana”¹⁸.

Em uma de suas salas, por exemplo, funcionava desde 1957, o Centro Karl Marx. Ali, alunos das diferentes faculdades presentes no complexo da Maria Antônia podiam fazer cursos livres todas as sextas feiras à noite. Era possível ouvir Paul Singer falar sobre Economia Política e Otaviano de Fiori explanar sobre História dos Movimentos Socialistas¹⁹.

¹⁶ Com a utilização do método da Pedagogia do Oprimido, do educador Paulo Freire.

¹⁷ Interventor do Estado de São Paulo durante a Era Vargas.

¹⁸ GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 324.

¹⁹ SINGER, Paul. “Nos arredores da Maria Antônia”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschia-

Outro exemplo marcante da linha adotada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era o conhecido Grupo d'O Capital, surgido em 1958. Era formado por jovens professores da casa (Fernando Henrique, Ruth Cardoso, Otávio Ianni e outros) que se reuniam quinzenalmente para um estudo crítico da grande obra de Karl Marx. Alguns destes professores eram marxistas, como o sociólogo Florestan Fernandes. Outros apenas flertavam. Aliás, *O Capital* foi também tema de dois importantes seminários, um realizado no final dos anos cinquenta e outro no início dos anos sessenta.

Era muito natural, portanto, que este contato com o marxismo acabasse influenciando a produção acadêmica dos professores e, por conseguinte, a mentalidade e os posicionamentos políticos de seus alunos. A Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia era a sede da UEE (União Estadual dos Estudantes), e um dos maiores centros da esquerda estudantil em São Paulo. Em seu testemunho prestado ao DOPS em abril de 1970, Heleny²⁰ sinalizou o ambiente vivido por ela em seus tempos de estudante:

A atmosfera política da universidade neste período era bastante diversa da atual. Existia a ala do P. Comunista cujo elemento de maior atuação era José Chasin, aluno da cadeira de Filosofia... E falava-se de um outro grupo de esquerda, cuja sigla era POLOP (desconheço o significado dessa). Se ouvia falar desse grupo na cadeira através de comentários irônicos do mesmo Chasin²¹.

Porém, não era apenas no ambiente acadêmico que a geração de jovens protestantes representada por Heleny Guariba foi exposta a idéias consideradas como de esquerda. Ele vinha também dos púlpitos de determinadas igrejas. No mundo católico romano, eram tempos de Concílio Vaticano II e de toda uma movimentação na América

vo dos (org.). **Maria Antônia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 84.

²⁰ Como veremos mais adiante, no correr dos anos sessenta a própria Heleny radicalizaria sua opção pela esquerda: entraria para a luta armada contra o regime militar.

²¹ Cf. GUARIBA, Heleny Ferreira Telles. "Meu Depoimento". Família 50-z- 9, documentos n° 13688 a 13669, pasta 76 do Arquivo do DOPS de São Paulo.

Latina que faria surgir o que Michael Löwy chama de Cristianismo de Libertação²². As vanguardas das principais denominações evangélicas da época começavam também a pensar a realidade nacional²³. E este pensar, aliado a toda uma renovação teológica²⁴, fazia com que representantes destas lideranças de vanguarda se aproximassem da esquerda. Era preciso romper com a idéia de que a pobreza era fruto da vontade soberana de Deus, herdada dos missionários norte-americanos.

Desde meados da década de cinquenta, o Setor de Igreja e Sociedade da Confederação Evangélica do Brasil²⁵ realizava conferências de estudos da realidade brasileira. A mais famosa foi a terceira, realizada no ano em que os textos de Heleny foram escritos, 1962. Conhecida como *Conferência do Nordeste*, foi realizada em Recife e teve como tema o sintomático *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*²⁶. A tônica de boa parte dos discursos proferidos era a da atuação social da Igreja²⁷.

Estas novas idéias incendiavam também os setores dos grupos de jovens protestantes já influenciados pelo meio estudantil. Como disse Zuenir Ventura, esta também era uma geração que “teve com a

²² LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 57.

²³ ALVES, Rubem. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 257-261.

²⁴ Esta é a época da chegada ao Brasil de toda uma série de teólogos (preferencialmente europeus) com uma influência marxista e uma ênfase na atuação social em seu pensamento: Karl Barth, Emil Brunner, Dietrich Bonhoeffer, Rudolf Bultmann, Paul Tillich e Collin Williams. Cf. SCHMIDT, Daniel Augusto. **Herdeiros de uma Tradição: uma investigação dos fundamentos teológico-ideológicos do conservadorismo metodista na crise da década de sessenta**. 2008. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008, pp. 173-175.

²⁵ Órgão ecumênico surgido na década de 30.

²⁶ Este tema é bastante significativo, pois, para os setores progressistas brasileiros, o Nordeste seria principal foco de uma possível Revolução Brasileira. A referência à revolução Cubana também é marcante.

²⁷ ARAÚJO, João Dias de. “A Revolução do reino de Deus”. In: CÉSAR, Waldo. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Loqui, 1962, vol. II, p. 57.

linguagem escrita uma cumplicidade que a televisão não permitiria depois”²⁸. As novas idéias vinham não só das pregações e conferências, mas também dos livros. Enquanto a juventude mundial lia Marcuse²⁹, Ho Chi Minh³⁰ e Guevara, os moços evangélicos liam algo mais: Richard Shaull. Chegado ao Brasil em meados dos anos cinquenta para trabalhar com estudantes universitários, este missionário presbiteriano norte americano dizia em suas obras que “ser cristão era ser de esquerda”. Cabia ao protestante se filiar aos partidos progressistas, pois eram as idéias destes que melhor se coadunavam com os pontos de vista do Evangelho³¹. Então, temas como ação social, realidade brasileira e a relação entre Comunismo e Cristianismo se tornaram bastante comuns nos encontros e congressos de mocidade protestantes na primeira metade da década de sessenta.

Porém, a atuação política protestante dos anos sessenta possuía outras características. Ao contrário dos anos trinta, esta era uma atuação desvinculada de interesses eclesiásticos. O protestantismo brasileiro era convocado a sair de suas quatro paredes e se encarnar (usando um termo do Concílio Vaticano II) na realidade brasileira. É o que diz Heleny em *Estamos nós na Praia?*

Enquanto lá fora milhares morrem de fome, sofrem injustiças, nós cuidamos de nosso auto- aperfeiçoamento. Ser cristão, dar testemunho cristão, se resume para nós em não bebermos, não jogarmos, não fumarmos, não dançarmos (pois o nosso corpo para nós é templo do Espírito Santo). E os corpos dos que estão lá fora?³²

Ser protestante não era mais apenas levar uma vida de moral ímpecável. Era servir ao próximo sem interesses evangelísticos.

²⁸ VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 54.

²⁹ Herbert Marcuse (1898-1979). Sociólogo e filósofo alemão.

³⁰ Revolucionário e estadista vietnamita (1890-1969).

³¹ SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

³² GUARIBA, Heleny. “Estamos nós na praia?” São Paulo, **Cruz de Malta**, Março-Abril de 1962, pp. 12-13.

Essa convocação para agir em prol da realidade brasileira implicava até mesmo num ecumenismo com o principal inimigo dos protestantes nos tempos de Guaracy Silveira: a Igreja Católica. Isso se manifestava em atos concretos: na cerimônia de formatura do ano de 1967, os alunos da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista inovaram: convidaram para paraninfo D. Hélder Câmara (1909-1999) o bispo católico de Olinda e Recife.

Porém, esta foi também uma geração calada. Enquanto nos tempos de Guaracy Silveira, os protestantes tinham liberdade para expressar suas idéias políticas e até agir politicamente de forma declarada, nos anos sessenta a situação foi bem diferente. Os textos de Heleny Guariba ainda refletem o clima de efervescência de idéias existente no início do governo de João Goulart. Porém, em 1964 o Golpe Civil e Militar instalou um regime de exceção no país. E quatro anos depois, este regime de exceção se fechou ainda mais. Com o Ato Institucional número cinco os militares mostraram que vinham para ficar. Era a ditadura dentro da ditadura. Uma mordaca caiu sobre o país: censura aos meios de comunicação, cassação de mandatos, perseguição de oponentes.

O Protestantismo brasileiro não ficou imune ao que acontecia a sua volta. Como o pêndulo da sociedade brasileira se voltou para a direita, o mesmo aconteceu com algumas das suas principais denominações. Após o golpe, lideranças conservadoras e favoráveis ao regime militar assumiram o controle de igrejas como a Metodista, a Batista e a Presbiteriana. Era preciso defender a fé das ameaças “comunistas”. Em princípio até existiu certa resistência, principalmente por parte dos grupos de jovens. No ambiente externo, protestava-se contra as arbitrariedades do regime. No nível interno das denominações, o alvo eram as lideranças que apoiavam este regime e não se inseriam verdadeiramente na realidade brasileira. Muitos encontros de juventude das igrejas da época na verdade eram reuniões políticas disfarçadas. Como ocorreu no restante da sociedade, instalou-se no Protestantismo um regime de mordaca, principalmente a partir de 1968. Seminários foram fechados. Jornais foram censurados e revistas como *Cruz de Malta* tiveram sua orientação modificada. Muitos jovens, como foi caso de Heleny Guariba, não encontraram mais na Igreja um ambiente para expressar suas idéias. No final dos anos sessenta ela se filiou à

VPR (Vanguarda Popular Revolucionária)³³. Seu nome consta da lista de desaparecidos políticos. Porém outros ficaram e pagaram um alto preço por isso. Muitos foram expulsos de seus cargos, acusados de comunismo e até mesmo entregues por seus “irmãos” aos órgãos de repressão da Ditadura Militar. Todo um projeto político protestante para o Brasil foi calado.

O exemplo da década de sessenta

Como foi possível perceber neste texto, a atuação evangélica na política brasileira é algo bastante recente. Ela data dos anos trinta. Porém também foi visto que em boa parte deste período ela foi pouco relevante em termos de mudança real para o país. Por vezes esteve presa a posturas conservadoras, ligadas à defesa de interesses de grupo e por vezes até corruptas. Foi contaminada pelo conhecido desinteresse da classe política pela realidade brasileira.

Mas houve um tempo breve em que a situação foi diferente. Nos anos sessenta uma geração (simbolizada pelos textos de Heleny Guariba) ousou olhar além dos interesses das igrejas e vislumbrar o sofrido Brasil. Ousou sair do conforto dos templos e das explicações piedosas. Procurou se encarnar sentir o sofrimento do próximo e dizer um basta a isso. O preço foi muito alto. O protestantismo brasileiro dos anos sessenta deve servir na história como um exemplo. Um modelo difícil, porém mais coerente com a proposta cristã. Um exemplo de um olhar para o outro.

³³ Grupo surgido em 1967 de uma dissensão da já citada POLOP. Sua principal figura foi o capitão do Exército Brasileiro Carlos Lamarca (1937-1971). Bastante atuante, a organização foi responsável pelos seqüestros dos embaixadores da Alemanha Ocidental e da Suíça no Rio de Janeiro e do embaixador do Japão em São Paulo. Cf. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 103-104.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARAÚJO, João Dias de. “A Revolução do reino de Deus”. In: CÉSAR, Waldo. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro**. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Loqui, 1962.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ESCHER, Nicolau R. S. Couto. “Os crentes e a eleição de 3 de maio”. **Expositor Cristão**, 01/03/1933.
- Expositor Cristão**, 22/09/1934, p. 3.
- FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontro: 1994.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GUARIBA, Heleny Ferreira Telles. “Meu Depoimento”. Família 50-z-9, documentos nº 13688 a 13669, pasta 76 do Arquivo do DOPS de São Paulo.
- GUARIBA, Heleny. “Estamos nós na praia?” São Paulo, **Cruz de Malta**, Março-Abril de 1962, pp. 12-13.
- GUARIBA, Heleny. O falso “milagre”. **Cruz de Malta**. São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1962, pp. 31-33.
- http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/default/files/anais10/Artigos_PDF/Cilas_Ferraz.pdf. Acessado em 3 de janeiro de 2011.
- LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SCHMIDT, Daniel Augusto. **Herdeiros de uma Tradição: uma investigação dos fundamentos teológico-ideológicos do conservadorismo metodista na crise da década de sessenta**. 2008. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Curso de Pós- Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.
- SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

- SILVEIRA, Guaracy. **Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1950.
- SINGER, Paul. “Nos arredores da Maria Antônia”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antônia: uma rua na contra-mão**. São Paulo: Nobel, 1988.
- SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2008.
- Sob as Ordens de Brasília: 2ª Parte**. São Paulo: Abril Cultural, 1986. (Coleção Nosso Século), vol. X.
- SOUZA, Edimilson Evangelista de. **Heleny Guariba: luta e paixão no teatro brasileiro**. 2008. Dissertação de Mestrado em Artes. Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.
- VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.